

Índice

1	
Chegada de América a Lisboa	9
Antecedentes da migração das duas primas	22
Primeiro encontro com o marionetista	31
Duas aventuras de América, a segunda das quais conduz a uma terceira	39
Sinais estranhos em Lisboa: o desconhecido do Príncipe Real	47
Reencontro e mistério	51
Sinais estranhos em Lisboa: o homem mascarado que vagueia pelos telhados	56
Visita a uma residência de estudantes	60
A festa	69
Outra vez o homem mascarado: actividades nocturnas e diurnas	89
Explicações que só servem para tornar o mistério ainda mais denso	94
O bar, a advertência	101
Conversa no Cemitério dos Prazeres	107
Sondando o mistério	112
Onde se bebe chá e nada fica por explicar	119
Adeus, prima Ásia	132
2	135
3	169

1

*They give us those nice bright colors
They give us the greens of summers
Makes you think all the world's a sunny day*

(Paul Simon, «Kodachrome»)

Chegada de América a Lisboa

De entre as muitas esplanadas abertas ao público na extensão de beira-rio que vai de Alcântara a Santos, nesse dia útil do mês de Julho do ano de ****, dia de um calor tão sufocante como os que o tinham precedido e como os que se lhe seguiriam, para além de desprovido de brisa, apenas uma contava entre a sua clientela uma jovem com nome de continente. Ásia, pois era este o nome ao qual ela respondia, sorvia a sua bebida em goles minúsculos, improvisava uma pala ineficaz com a mão esquerda e recriminava-se por ter negligenciado trazer leitura, e pela inércia que a impedia de se levantar e ir procurar alimento para o espírito no primeiro quiosque que o acaso colocasse no seu caminho.

Ásia tinha uma hora marcada para estar no Terreiro do Paço e aguardar a chegada de América, a sua prima favorita, que vinha instalar-se em Lisboa. Para matar o tempo, e esgotados os demais recursos, contava ela agora com uma dádiva do céu, um qualquer acontecimento insólito ao qual não faltasse intróito, crescendo insinuante e súbito desenlace, de preferência com moral associada e facilmente assimilável. E que não durasse mais de meia hora, caso contrário arriscar-se-ia a chegar atrasada ao encontro, o que seria ainda mais trágico do que chegar adiantada. Era por isso que Ásia escolhera aquela posição, que lhe permitia abarcar uma generosa porção de via pública, ainda que a intensidade da luz solar, incidindo-lhe directamente no rosto desprotegido, fosse um inconveniente de monta.

«Se acontecesse algo...», suspirou Ásia.

Um autocarro passou.

Um pombo levantou voo.

Alguém assobiou.

Ásia resignou-se a contar os minutos pelo relógio de uma farmácia contígua à esplanada.

Ásia era de estatura média, nem roliça nem magra. Os cabelos eram lisos, negros, escorridos e cortados à altura da nuca. A tez era pálida, os olhos de um verde-claro invulgarmente rico. Vestia normalmente de negro, mas permitia-se excepções, como sucedia nesse dia. O rosto era oval, neutro mas gracioso. A boca, de uma formosura discreta e concisa, complementada por dentes perfeitos, fora já celebrada em versos (muito maus, por sinal).

E os antecedentes de Ásia? Ásia viera para Lisboa ainda jovem, movida por razões práticas e sentimentais. Habituará-se cedo a ser independente. Adaptara-se bem à vida de Lisboa (bem de mais, na opinião de alguns dos seus familiares, pouco assíduos nas visitas mas prolixos nas admoestações). Empregara-se como *barmaid* no bar de um hotel frequentado por personalidades influentes, ao sabor de cujos sins e nãoos a pequena e a grande história ganhavam forma.

A sua pele fazia lembrar porcelana.

Ásia atingira um certo equilíbrio na vida, um equilíbrio que ela muito prezava. Numerosos eram os problemas alheios que intersectavam o seu quotidiano, sob a forma de telefonemas (nem sempre a horas decentes), visitas, cartas, recados. Ásia conseguia a proeza de a todos atender, sem deixar de preservar uma intimidade sobre a qual velava com uma atenção que a consumia.

O reencontro com a prima América, que vinha ajoujada com duas enormes malas, foi efusivo e envolveu abraços, beijos sonoros e repetições abundantes de nomes próprios.

— América, minha tonta, bem-vinda à Grande Cidade, e que esta encontre graça aos teus olhos.

— Ásia, minha estouvada, obrigada pelas boas-vindas, e por teres dado ao incómodo de me teres vindo esperar, embora tam-

bém seja verdade que tu trabalhas quase unicamente em horários nocturnos.

Durante o trajecto de táxi entre o Terreiro do Paço e Campo de Ourique, bairro onde se situava o apartamento que as primas iriam partilhar, Ásia ia aproveitando para indicar à prima alguns dos pontos de interesse da capital: estátua equestre de D. José, Elevador de Santa Justa, monumento dos Restauradores, etc.

América não se parecia nada com a prima. O rosto de América era um manancial de contradições: aspecto ossudo e impressão de suavidade; palidez e cabelo muito escuro; queixo pequeno e expressão voluntariosa.

— Tudo o que vejo é belo, maravilhoso e grandioso — sentenciava América —, para além de testemunhar de uma certa... Como direi?... Integridade. Se é que me faço entender. Estas fachadas, estas janelas, estes jardins...

— América, julgo ser meu dever prevenir-te de que as fachadas que vês não contam a história toda, e que por detrás delas muita podridão moral se dissimula. Para quem vem da província, como tu, habituada à franqueza, à frugalidade e à rectidão, o contraste deve ser brutal. Tens interesse em estar constantemente em guarda.

— A tua visão do Portugal profundo é saborosamente idílica. A província, minha adorável prima, deixa-me contar-ta: todas as violências do lugar-comum, todas as sevícias do sentimento que se não espelha nos interesses têm aí o seu reinado. Se és altruísta, magnânima, desafectada de ambições, pródiga de certas profecias do coração, não demores os teus passos nessas belas vilas tão inofensivas para o forasteiro e tão inquietantes para o que projecta mudança. Na província, o costume é o soberano. Pensa alterá-lo, e terás arcontes e beleguins, trovadores e donas contra a tua vida. Proclama uma inovação, e cozinheiras honestas, magas do bolinho de bacalhau e da lampreia bordalesa, hão-de ministrar-te uma mistura ervada. A paz da província chama-se prudência. Uma prudência ataviada de simpatias e sentimentos, às vezes uma prudência chamada instinto clerical, botânico, que destila veneno e doçura da mesma planta. Se queres viver segura, não uses dos teus demónios na província, ou o

teu fígado será devorado. Prometeu foi um provinciano demissionário. Podes ser original, mas não criadora; podes morrer de tédio, mas não de amor.

— Mas... É extraordinário o que acabas de dizer, prima América!

— Mas não é da minha autoria, o que é que achas!? Retirei tudo isto, palavra por palavra, de um conto de *A Brusca*, de Agustina Bessa-Luís.

— Mas escolheste admiravelmente a ocasião para o fazeres.

O apartamento de Ásia mereceu também comentários entusiásticos por parte de América.

— Tanta luz! Tantos quadros! E tudo tão bem arrumado! Prima Ásia, és uma felizarda.

— Não tanto como crês... Há infiltrações relapsas na casa de banho, há odores misteriosos na cozinha, há um vizinho que escolhe as horas mais impensáveis para se ocupar da sua higiene pessoal, com gargarejos incluídos. Mas gosto na mesma deste meu tugúrio. E este aqui é o teu quarto, que por um feliz acaso é também o meu.

— Prima Ásia, sabes bem que me custa invadir o teu espaço privado, e que me contento com um canto de sofá na sala ou com uma enxerga, desde que limpa.

— Mas tu também já sabes que eu não me importo que durmas no meu quarto, pelo contrário, fico sempre contente por ter alguém com quem falar antes de adormecer. E o que é mais, se te lembrares de insistir, pois bem, farei orelhas moucas.

— Nesse caso aceito e agradeço, encantada, pois poucas coisas me tocam mais profundamente do que a generosidade alheia, mesmo quando vem daqueles que são sangue do meu sangue.

Ia estando na hora de Ásia partir para o trabalho. Mal houve tempo para meia dúzia de recomendações de última hora relativas à localização de alguns artigos alimentares, ao funcionamento do esquentador, etc.

Sozinha no apartamento da prima, que agora passava também a ser o seu, América desfez as malas, o que não lhe tomou mais de dez minutos. Uma das malas continha essencialmente roupa e

sapatos. Na outra, para além de livros em grande profusão, estava o bem mais precioso: a sua máquina fotográfica Nikon de 24,78 megapíxeis com sistema de focagem automática. Era para fotografar ruas e pessoas, se bem que não apenas para fotografar ruas e pessoas, que América tinha tomado a decisão de migrar para Lisboa.

Uma vez instalada, América tomou um duche, preparou uma refeição rápida que saboreou enquanto escutava ópera na rádio, lavou e secou a louça, passou os olhos pelas lombadas da pequena biblioteca de Ásia e decidiu que estava na hora de se entregar ao sono, depois de um dia pleno de emoções.

O contacto com os lençóis, muito brancos e muito limpos, de um linho áspero que friccionava a pele sem a ofender, trouxe-lhe um sentimento de euforia e consolo pela maneira como lhe devolveva à memória a pequena vila que deixara para trás, sem por isso afrouxar a expectativa que sentia perante a Grande Cidade que agora a acolhia.

Os primeiros dias de vida em comum das duas primas decorreram sem conflitos nem sobressaltos de qualquer espécie. O desfasamento dos horários respectivos, longe de constituir um problema, propiciava um convívio mais harmonioso, ao evitar erodir o efeito de novidade: quando sucedia disporem de uma hora de tempo livre em comum, era com mais gosto e sincero interesse pelo que a outra tinha para dizer que se fazia a resenha das peripécias dos últimos dias, um gosto e um interesse que um quotidiano partilhado depressa arruinaria. Ásia raramente regressava a casa antes das 5 ou 6 horas da madrugada. Por essa altura, o sono de América, que gostava de se deitar cedo, era já frágil, de forma que, regra geral, o ligeiro rumor que a prima produzia ao entrar, despir-se e deitar-se era suficiente para a despertar. América deixava-se ficar na cama alguns minutos, pensando no novo dia que se avizinhava e escutando a respiração de Ásia, cada vez mais regular. Eram momentos privilegiados para América; momentos de uma lucidez quase sinistra; de comunhão com o mundo, mas também de embriaguez autocrática, solene independência perante coisas, factos e tempo.